

## APRESENTAÇÃO E ATUAÇÃO NO ESTÁGIO DOCENTE: UMA PROPOSTA DE JUNÇÃO DA GEOGRAFIA COM O HIP HOP EM SALA DE AULA

**Maurício Moyses**

mauriciomoyes88@yahoo.com.br<sup>1</sup>

### Resumo

*O texto trata-se de uma prática narrativa e aborda uma experiência adquirida em sala de aula nos momentos iniciais do estágio docente. A narrativa expõe a apresentação e atuação no estágio à turma de estudantes na escola como forma de aproximar-se, estabelecer conexões e trocas de conhecimentos entre os alunos e alunas. É sabido que existem diversas possibilidades ao sermos apresentados ou nos apresentarmos para outras pessoas. Optamos aqui por realizar uma intervenção em sala e elucidar parte do compromisso com a experiência docente nas disciplinas de estágio, ao relacionarmos nossas experiências de vida, vivências, conhecimentos através de um primeiro contato comunicativo, agregando as problemáticas contidas no ensino de Geografia e elementos da arte com a cultura Hip Hop e da música RAP com os alunos e alunas em sala de aula.*

**Palavras-chave:** Estágio, Geografia, Hip Hop, RAP.

### Introdução

O texto trata-se de uma prática narrativa adquirida a partir da experiência em sala de aula como parte do conteúdo programático pertencente à disciplina de Estágio Supervisionado 1 do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Campinas oferecida no primeiro semestre de 2016.

O objetivo é apresentar diferentes formas de intervenção em sala de aula no que diz respeito à apresentação formal do licenciando à escola, mas principalmente aos alunos e alunas em sala de aula. Partimos da compreensão de que a apresentação em sala é um importante momento em que se estabelecem os laços iniciais e contatos que guiarão os diálogos, vivências e troca de informações no primeiro contato entre estagiário e aluno/as.

O estágio está sendo realizado na Escola Estadual Moacyr Santos de Campos localizado próximo a Cidade Judiciária no município de Campinas-SP, com muitos

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de licenciatura em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestrando em Geografia na mesma instituição



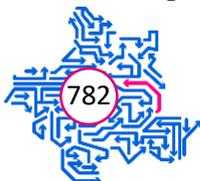
estabelecimentos comerciais para atender as demandas desse setor. A escola está próxima do Espaço CPFL na Avenida Norte-Sul, importante via da cidade. Porém, os bairros Nilópolis (onde de fato encontrasse a escola), São Quirino e a Favela do Cafezinho compõem as características dos bairros periféricos de Campinas. A escola E.E. Moacyr Santos de Campos é a única que tem ensino médio nos três turnos próximo aos bairros.

Para a elaboração do texto apoiamo-nos nas palavras trabalhadas por Nilda Alves (2007) ao ter como referencia o filósofo e historiador Michel de Certeau e seus *praticantes* para desenvolver os conceitos de rede de conhecimentos e redes cotidianas, ambos ligados aos indivíduos que vivem o cotidiano, praticados nos lugares. Os conceitos referem-se a “formação desses praticantes e a memória deles sempre envolvem, necessariamente, a escola e para além dela, ou seja, as múltiplas e variadas redes cotidianas nas quais vivem e formam conhecimentos e valores, entendidos como conhecimentos especiais que levam à ação e a justificam” (ALVES, 2007, p. 82).

A formação dos saberes adquiridos externamente surge e ocorre em espaços e lugares que integram as materialidades e imaterialidades onde o convívio e a troca de relações entre atores são o princípio para o conhecimento adquirido. Estes espaços e lugares são: as ruas, as igrejas, nas reuniões de moradores de bairro, nos encontros e manifestações culturais, na nos saberes pretéritos e na memória dos atores.

Rede de conhecimentos e redes cotidianos são complementares, principalmente entre os agentes ou praticantes na escola. Ao portar experiências externas à escola todo o conteúdo adquirido nas vivências praticadas tornam-se complementares a condição interna na escola. Há uma encruzilhada de símbolos, ritos e identidades no ambiente escolar, e que seja corporificada na atuação da gestão escolar, do grupo de professores, dos alunos e alunas e dos estagiários e estagiárias em exercício na escola. São múltiplos contextos que nos permitem compreender as relações vivenciadas na escola pelos atores/*praticantes* (ALVES, 2007).

A proposta da disciplina de estágio tem como foco inicial um aprofundamento nas observações na escola e em sala de aula e que percorrerão por todo um semestre. Porém, há a necessidade de uma maior interação/intervenção em sala para que se possa compreender parte da estrutura presente no cotidiano da escola. Para isto, foram utilizados como técnica de apresentação a junção da arte com o ensino em sala de aula, ou seja, dos elementos da cultura Hip Hop com o ensino de Geografia. A junção, nesse caso, somente foi possível, pois o



estagiário autor deste texto para além de licenciando em Geografia é músico e arte-educador a mais de três anos com inúmeras vivências com crianças, jovens e adultos. Ao utilizar as mesmas técnicas (diálogos e uso de objetos) em suas atividades com a cultura urbana, transpôs para a sala de aula e principalmente para adequar-se ao ensino de Geografia.

O texto estrutura-se em três partes: Na primeira: abordaremos uma breve consideração em torno da formação de professores e o estágio supervisionado; Na segunda: apresentaremos a prática narrativa e a apresentação do estagiário em sala de aula; e Por última: refere-se às considerações parciais onde serão discutidas da prática de estágio e sua importância para a formação de professores.

### **O estágio na formação docente**

O estágio docente é um importante momento para a formação de um professor e professora de Geografia. A escola constitui-se como um lugar das possibilidades para atuação e efetivação dos saberes constituídos na formação pessoal e profissional sem dissociar a teoria e a prática na profissão docente. Atentamos-nos as palavras de Souza (2013, p. 108) ao afirmar que

o professor necessita de ter domínio teórico conceitual da Geografia, pois dele advêm os conteúdos e as informações que estruturam tal pensamento. O professor necessita, ainda, de conhecimentos pedagógicos capazes de permitir que os alunos da Educação Básica mobilizem as informações geográficas e as internalizem tendo como referencia os saberes e práticas espaciais cotidianas de participam.

Ao se referir ao processo de formação do profissional docente em Geografia, o posicionamento apresentado pelo autor enquadra-se para qualquer outra ciência que se faz comprometida com a formação docente e tem o estágio como momento fundamental para a construção e instrumentalização da atuação profissional. Além do mais, que venha valorizar as experiências cotidianas presentes em outros grupos e/ou relações sócio-culturais nos lugares.

Para Pimenta & Lima (2006, p. 06) “o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas”. O estágio nos evidencia uma aproximação da realidade em que o estagiário e estagiária atuarão no cotidiano escolar. Configura-se em um momento

em que nos aproximam das relações, do envolvimento, das intencionalidades entre alunos e os professores orientadores do estágio.

Nas palavras das autoras, “o estágio, nessa perspectiva, não é uma atividade prática, mas atividade teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como a atividade de transformação da realidade” (PIMENTA & LIMA, 2006, p. 14). Sua prática se dá na produção do conhecimento, no diálogo e nas intervenções para perceber e interpretar a realidade em torno dos agentes escolares, entendidos aqui na personificação do corpo docente, da gestão escolar e alunos e alunas. A produção do conhecimento a que o estágio se constitui se dá em sala de aula, nos diversos espaços da escola, na organização dos sistemas de ensino e da relação direta com a sociedade.

Deparamo-nos com um conjunto de elementos que guiarão nossa percepção sobre a responsabilidade na profissão e formação docente que agrega valores para além do conhecimento produzido nas instituições formais, tais como, a Universidade; e envolve as experiências adquiridas na trocas com outros espaços de formação sempre de forma coletiva, sejam eles por meio da religião, das artes, dos movimentos sociais do campo e da cidade para transpor e constituir uma interpretação da realidade vivida por cada agente.

### **Prática narrativa**

A seguir apresentaremos a prática narrativa vivenciada em sala de aula. A proposta da narrativa conflui formas de reflexão, escrita e diálogo conosco sobre as influências que nos remetem a experiências externas que adentram na escola e faz construir uma nova relação e percepção do nosso arredor ou propriamente o que se possa definir como uma interpretação da realidade em sala de aula no processo da nossa formação docente.

Nesse contexto, procurou-se alcançar uma tradução mais fiel dos momentos, sentimentos e emoções vivenciadas pelo sujeito narrador – o estagiário, como forma de compor o cenário de atuação no estágio e no convívio com os alunos e alunas em sala<sup>2</sup>. A narrativa está dividida em três partes: a) segue um relato da preparação emocional e preocupação com o compromisso do estágio; b) o marco inicial aclarado e em bom tom; e c) a junção entre Hip Hop, RAP, poesia e Geografia:

---

<sup>2</sup> Intencionalmente mantemos a narrativa em primeira pessoa.

**a. Um olhar atento, boca fechada e a preparação emocional**

*Hoje sai da escola com aquela sensação de que sempre temos que estar prontos para os desafios. Porque digo isso? Pois desde a última vez que estive na escola e nas aulas de estágio na Geografia ou na Faculdade de Educação na Universidade (não quero aqui ficar misturando as coisas, mas esse momento inicial está muito relacionado em ambos os casos), fiquei muito preocupado com a minha presença na sala de aula com os alunos do 2º B e o professor Marcos, principalmente para deixar bem explícita a minha presença e função na escola.*

Se me perguntarem se alguma coisa mudou na escola estadual durante o período em que eu era estudante (e foram 11 anos) em relação às condições atuais eu digo que muitas coisas mudaram, pois a “escola não está fechada” (ALVES, 2007, p. 85). Nas salas não há mais livros, os alunos e alunas estão bem melhores vestidos e em sua maioria possuem telefone móvel, e o ensino está mais “sucateado”... A única coisa que pouco mudou foi à estrutura física, visto que, agora se encontra mais “segura” ou “prisional”.

Coloco-me na condição de um corpo e alma estranho na escola, pois no tempo que eu estudava na escola o momento era outro. Atualmente os jovens são mais maliciosos, pensam para frente, mas ainda falta aquele gosto por descobrir o mundo, as pessoas muitos estão apegadas aos objetos. Então, me preocupo com as relações entre as pessoas, o diálogo a comunicação.

Eu ainda não sou um professor de Geografia, mas a responsabilidade é grande. Penso que é muito importante esses contatos iniciais com os atores escolares, sem restrições, a comunicação na escola deve ser direcionada aos funcionários da secretaria, limpeza, professores e aos alunos e alunas.

Optei por ir mais cedo à escola, eu estava testando um novo horário do ônibus que permitisse que eu chegasse mais cedo e sem correrias... Cheguei pouco antes do início do intervalo, pois pretendia conversar com o vice-diretor Flávio sobre a documentação do estágio que era uma das questões que eu teria que resolver na escola. Ele não se encontrava no momento e tive que buscar alguma forma para ocupar meu tempo, pois nesse dia eu e o professor Marcos decidimos por realizar uma apresentação minha na sala de aula, feita por mim.

Passei a semana orquestrando o que faria para a apresentação, pois o objetivo era permitir um maior contato ou aproximação com a turma do 2º B para que não haja distanciamentos ou estranhamento com a minha presença em sala e que eu pudesse me familiarizar mais com a turma e estabelecer uma mútua *rede de conhecimentos*.

Optei por trazer um pouco da minha trajetória escolar, história de vida, do meu bairro de origem, da escola, e da Universidade. Busquei também associar parte das Oficinas que ofereço com meu trabalho com a música *RAP* voltado para a produção de poesias e associar com a disciplina de Geografia para não aparentar ser palestra ou outra coisa. Mas eu ainda tinha muito tempo para pensar em o que fazer de fato.

Fui até a sala dos professores e encontrei o professor Marcos que me recebeu muito bem com um sorriso leve. Nesse momento bateu o sinal e outros professores entraram na sala. O assunto do momento era a atual conjuntura política do país e o comportamento de alguns alunos das turmas na escola. Muitos professores estavam descontentes com a falta de respeito perante o professor em sala. Eu fiquei só observando, sem falar nada, na minha...

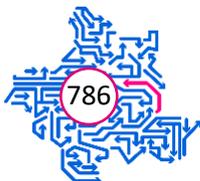
Juntou-se a nós o professor Mario de Educação Física que se queixava da falta de interesse dos alunos com as práticas esportivas, as regras e a convivência. O professor Marcos sorriu pra ele e disse que “muita coisa mudou”.

Fomos caminhando para a área dos fumantes que fica trás da sala dos professores, mais ao fundo da escola, onde é possível ter uma vista panorâmica do bairro Jardim Nilópolis, onde está localizada a escola. O professor Marcos relatou uma situação em sala em que alguns alunos do 3º ano não conseguiram interpretar os números/casas depois da vírgula, ele achava aquilo assombroso, e o outro professor ficou preocupado...

O sinal bateu e era hora do (re) início das aulas. O professor Marcos foi até a sala dos professores pegar seu material e caminhamos para a sala onde fica a turma do 2º B. Confirmei com ele se estava tudo *OK!* para que eu fizesse a minha apresentação para a turma e ele disse que sim e questionou o tempo de aula que eu precisava, eu disse: “*Dois aulas*” e ele fez um sinal de positivo com a mão.

#### **b. O início do desafio: uma troca de ideias com os alunos e as alunas em sala**

Entramos na sala e alguns alunos vieram me cumprimentar: “*Salve professor, firmeza?*”. Eu sorri e os cumprimentei: “*Tudo certo*”. Me sentei no fundo da sala como da



outra vez e acho que por ali ficarei, pois tenho uma visão que contempla ver quase todos os alunos e seus movimentos. O professor Marcos iniciou a chamada, sendo breve...

Os alunos estavam “de boa”, mas falantes. O professor pediu que eu fosse até a frente da sala e explicou para eles que quem ficaria com a turma era eu. Na sequência ele perguntou: “*Você quer que eu fique na sala?*”. Eu disse: “*Não, eu fico com eles, se eu precisar da sua ajuda eu lhe chamo*”. O professor aceitou numa boa.

Primeiramente iniciei com um bom dia bem alto que foi pra chamar à atenção mesmo. Eles responderam sorrindo. Já iniciei minha fala dizendo o meu nome deixando-o escrito na lousa, logo pedindo desculpas para os alunos. Que disseram: “*Por quê?*”. Respondi: “*Por que na aula passada eu estive na sala, sentei, ocupei uma carteira e nem se quer havia me apresentado, sendo que até o nome de alguns alunos eu já sabia*”. Eles entenderam e soltaram um “*Ahhhhhhhhhh!*”... E a conversa seguia...

Comentei sobre a minha origem, minha infância, adolescência, sobre o meu bairro (que não é muito diferente do bairro onde a maioria deles reside. Em outros momentos já estive na região onde fica a escola e pude me aproximar do seu cotidiano), e sobre a escola que eu havia estudado, pois “múltiplos contextos em que vivemos estão na escola” (ALVES, 2007, p. 85).

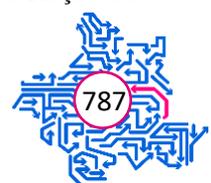
Logo já fiz as minhas considerações sobre a escola deles e o que mudou do período em que eu estudava e na escola de hoje em que eles estão, destaquei a estrutura da escola, o ensino, a forma como eles e elas se vestem (todos muito bem arrumados, calçados, com artigos de “marca”) e o uso do celular (coisa que na minha época não havia na escola). Eu brinquei: “*Vocês se vestem muito bem e todos tem celular, quem não quer estar bem em uma self?*”. A maioria sorriu um grupo de meninas não gostou, talvez achassem que eu ir fazer alguma crítica em relação ao uso do celular, pois o professor Marcos não aceita o uso em sala.

### **c. Declaração de amor: Geografia e Hip Hop**

A turma se mostrou bem interessada e fazia algumas perguntas... Até que eu cheguei ao ponto que eu queria. Associar o RAP<sup>3</sup> com a Geografia na escola e no cotidiano. Provoquei a turma: “*Foi na escola que eu descobri duas paixões na minha vida, ou melhor, dois amores.*

---

<sup>3</sup> O RAP “pode servir ao educador como forma de penetrar no imaginário do aluno e descobrir as razões que geram a atual falta de interesse pelo ensino regular, para então desenvolver estratégias que recuperem o papel da escola como palco de uma verdadeira educação, pautada pelo diálogo – que pressupõe ação e reação dos estudantes e professores.” (PIMENTEL, 1999, p. 12).



*E quem já se apaixonou ou ama sabe que é intenso*”. A turma ficou com aquele olhar curioso, muitos sorrindo ou querendo falar algo, pois nessa idade os hormônios estão fervorosos. Eu respondi escrevendo na lousa a palavra Geografia e a palavra *Hip Hop*<sup>4</sup>. Nesse instante muitos com alegria gritaram e aplaudiram.

Falei da minha experiência na cultura *Hip Hop*, principalmente na música *RAP* abordando suas origens, elementos, musicas. Sempre questionando a turma se eles curtiavam *RAP* e quais grupos/bandas gostavam, na sequencia mencionavam: Racionais MC’s, Facção Central, Ao Cubo, Apocalipse XVI, Trilha Sonora do Gueto, Tássia Reis e muitos outros nomes. Eu aproveite para citar os grupos Sistema Negro, Visão de Rua, Inquerito que são de Campinas e o grupo Ments que é do bairro de onde eles moram. Alguns alunos disseram que conhecia os grupos de Campinas que eu havia mencionado inclusive o Ments, do bairro deles. Há um número grande de meninas e meninos que curtam *RAP* na sala.

Mas eu queria mais, perguntei quem gostava, lia e/ou escrevia poesia. Algumas pessoas levantaram a mão. Aproveitei para recitar uma musica que fiz quando eu estava na 8ª série (atualmente o 9º ano), que era uma paródia na versão da “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias (eles sabiam o que era paródia, pois no mesmo dia, foi o tema proposto na aula de português), eles gostaram muito e novamente aplaudiram com os olhos ainda mais atentos.

Apresentei pra turma que a vida é poesia. Apliquei uma dinâmica criada pelo poeta Sergio Vaz organizador do Sarau da Cooperifa na periferia da região sul da cidade de São Paulo. Ao mostrar uma garrafa com água dentro o poeta questiona os participantes de suas Oficinas sobre o que é aquilo que ele expõe. Muitos a vêem mais como um objeto, mas como a vida, a chuva, um rio. É lindo de ver!

Reproduzi a mesma atitude do poeta Sergio Vaz com a turma do 2º B e pegando os alunos mais desinteressados e aqueles que disseram que nunca fizeram poesia. Eles trouxeram a essência deles e muitas coisas surgiram. Eu dizia: “*O que é isto?*”. Eles respondiam: “*Uma garrafa com água*”. Eu repetia a pergunta para forçar algo para além do objeto exposto, até

---

<sup>4</sup> A cultura Hip Hop origina-se no final da década de 1960 nos guetos da cidade de Nova Iorque, mais precisamente no Brooklyn, Queens, Harlen e Bronx e foi idealizada pelos DJs Kool Herc, Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa. A cultura urbana é composta por quatro elementos/movimentos artísticos básicos, tais como, o *graffite*; a dança de rua; o *DJ - disc jockey*; e o *MC - master of ceremonies* (LEAL, 2007).

que surgiam algumas palavras: vida, química, biologia, nuvem, produto. A turma captou a ideia. Fiz o mesmo com um aparelho celular, e eles disseram: “*Tecnologia, arma, vício, um mal, modernidade*”. Fiquei muito feliz!

Falei para a turma: “*Todos somos poetas, todos fazem poesias, assim como a Geografia. A Geografia está em tudo*”. A turma ficou sem entender?

Expliquei com exemplos, trazendo elementos que pertencia a eles objetos, roupas, tênis, maquiagem e qual era a relação com a Geografia, falamos da origem dos produtos, matéria-prima, sua produção, distribuição e consumo. Eles captaram o movimento novamente, assim como na poesia, a cada objeto que eu mencionava eu dizia que era Geografia e pedia exemplos e associava com a Geografia. Até o momento que a turma passou a fazer isso e eu perguntava por quê. Uma aluna falou: “*O Carrefour é Geografia, eles vendem os produtos que a sociedade consome*”. Outro disse: “*Então o celular é Geografia, porque tem tecnologia, foi fabricado. A água engarrafada é Geografia, mas também é química*”. Eu mencionei: “*É isso mesmo. A Geografia está em tudo, mas nem tudo é Geografia*”.

Falei pra eles que o que estamos fazendo era Geografia, tinha ação estávamos mantendo uma relação, uma comunicação entre nós e o meio e os objetos. Nesse momento eu passava em algumas carteiras e cumprimentava com a mão alguns alunos. Estamos nos comunicando agora, isso é ação. Uma aluna questionou: “*Então, isso é Geografia?*”. Falei: “*Isso mesmo!!!*”.

Encerrei minha apresentação para a turma do 2º B falando um pouco sobre a vida, as dificuldades e desafios que ela nos impõe. Aproveite para falar um pouco sobre o futuro e questioná-los se eles pretendem prestar um vestibular, entrar na Universidade. Uma aluna disse: “*Eu quero entrar na Universidade!*” Eu perguntei: “*Por quê?*”. Ela respondeu: “*Pra ser alguém na vida*”. Retornei: “*Você é alguém na vida só por existir, por ser importante para as pessoas que estão ao seu redor, isso independentemente da Universidade, mas se você, sendo alguém na vida deseja cursar uma Universidade é melhor ainda para os seus objetivos*”. A garota disse: “*Arrasou professor, é isso memo*”.

O tempo das duas aulas já estava acabando e pedi para chamar o professor Marcos, que ficou atento do lado de fora só observando. Ele entrou na sala, eu me sentei no fundo e fez algumas considerações, dizendo pra turma se havia alguma dúvida em relação ao

conteúdo que eu havia dito em sala e frisou que o tipo de atividade feito naquele momento para ele era importante, mas não dá pra sempre ser assim. Fiquei tranquilo, pois é isso mesmo que acontece, pois há um programa curricular a cumprir.

O sinal tocou novamente, foi o fim da aula. Acompanhei o professor até o pátio e ele me perguntou se era isso que eu queria com a aula, eu disse que sim de forma positiva. Também o questionei sobre a intervenção e disse que gostou. Disse também que ouviu tudo do lado de fora de forma positiva.

Assim, fui embora com o sentimento de missão cumprida para um primeiro desafio em sala, mesmo que ainda não façamos uso dos conteúdos da disciplina da Geografia conforme a proposta curricular do estado. Mas valeu muito, pelo menos, por ter a oportunidade de me interar com a turma e trabalhar com o professor responsável.

### **Considerações parciais do estágio...**

O período de observações e intervenções em sala de aula no período do estágio é fundamental para o processo preparatório da formação docente, pois dispõe momentos fundamentais para a troca de troca de relações entre os alunos e tecer as *redes cotidianas* em sala de aula. A preocupação em realizar uma apresentação que minimamente aproxime os/as estagiários/as reforça uma maior interação e vínculo com alunos e alunas na escola.

O primeiro contato com a profissão docente apresenta inúmeros desafios que corroboram para o progresso da profissão, sendo, a confiança (acredito) entre os atores escolares (estudantes e profissionais da educação) a grande passa a ser conquistado para o encaminhamento das atividades a serem realizadas.

A ideia de unir o *Hip Hop* e a Geografia surge da possibilidade que ambos estão presentes no cotidiano dos jovens dentro e fora da escola. Os aspectos físico-naturais, as relações sociais, as materialidades e imaterialidades moldam a paisagem e expõem um universo aos jovens. A Geografia como disciplina que permite integrar e contribuir com propostas interdisciplinaridades e a cultura *Hip Hop* (e mais precisamente a música *RAP*) como linguagem artística contemporânea conecta saberes e conhecimentos vividos e ávidos para interpretar a realidade.

A união entre *Hip Hop* e ensino de Geografia na Educação Básica compõem o projeto de atividades da disciplina Estágio Supervisionado II, sob coordenação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia



Seneme do Canto a ter continuidade na E.E. Moacyr Santos de Campos nesse segundo semestre escolar do ano de 2016. O foco do projeto será o mesmo apresentado nessa narrativa, porém com temáticas que se encontram em desenvolvimento. O mesmo vem sendo pensado para contribuir com o ensino de Geografia e que também, possa expressar com sinceridade e compromisso o ofício da carreira docente.

### Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora. In: Costa, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2007.

LEAL, Sérgio José de Machado. **Acorda hip-hop! : despertando um movimento em transformação.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

PIMENTA, Selma; LIMA, Maria. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poíesis**, Volume 3, Números 3 e 4, pp.5-24, 2005/2006.

PIMENTEL, Spensy. Hip Hop como utopia. In: ANDRADE, E. N. de (org.). **RAP e educação, RAP é educação.** São Paulo: Summus, 1999.

SOUZA, Vanilton Camilo. Desafios do estágio supervisionado na formação do professor de Geografia. IN: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins (et. all) **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão.** João Pessoa: Editora Mídia, 2013.

